

IMPLANTAÇÃO DA CULTURA DA ERVA-DOCE (*Foeniculum vulgare* Mill.) NOS MUNICÍPIOS PARAIBANOS DE BANANEIRAS, DONA INÊS, SOLÂNEA E ARARA

Tiago Lima Azeredo¹; Paulo Alves Wanderley²; Helio Luiz Beretta Dal Monte²; Katia Machado Bonifácio³; Francisco Sales Fernandes²; Ezequias Teófilo Correia²; Esmeralda Paranhos dos Santos².

CCA/UFPB¹; CCHSA/UFPB²; CCHSA/UFPB³ azeredo_tiago@yahoo.com.br

Área: Educação e extensão para a agropecuária e a agroindústria
Instituição fomentadora: CNPq

Introdução

Na microrregião do Agreste da Borborema encontra-se a maior produção de erva-doce (*Foeniculum vulgare* Mill.) do Estado da Paraíba. Os municípios de Remígio, Esperança, Areal e Montadas são os maiores produtores (WANDERLEY *et al.*, 2008), onde os dois primeiros produziram, aproximadamente, 31 toneladas de grãos em 2003. Os produtores de erva-doce exploram a atividade através do sistema tradicional, empregando basicamente a mão-de-obra familiar (RAMOS, 2004). Nos municípios supracitados, a erva-doce tem sido utilizada no consorciamento com outras culturas e assegurado melhores condições de renda aos pequenos e médios agricultores, através da comercialização dos seus grãos, principalmente nos períodos de grande estiagem. No entanto, na maioria das lavouras tradicionais de erva-doce utiliza-se ainda defensivos químicos, aplicados inadequadamente pelos agricultores, gerando problemas ambientais e de saúde. Na Paraíba a cultura da erva-doce foi estudada por WANDERLEY *et al.*, (2002), verificando nas propriedades que a cultivavam, um alto índice de emprego de agroquímicos nas plantações, visando combater um dos principais inibidores desta cultura, o pulgão *Hyadaphis foeniculi*, estando entre as pragas mais severas que afligem este tipo de cultura. WANDERLEY *et al.*, (2002) relatam os efeitos ocasionados pela aplicação desmedida de agrotóxicos nos cultivos, sendo eles: número elevado de intoxicações nas famílias dos agricultores assistidos, aumento dos custos de produção, contaminação do solo e mortalidade dos inimigos naturais das pragas que assolam a referida cultura. O uso sistemático de agrotóxicos resulta em consequências gravíssimas, tais como: mortes a animais; mortes por intoxicação em pessoas; e volubilidade de agroecossistemas, com a morte de inimigos naturais das pragas, e resistência dessas pragas aos tóxicos (MEDEIROS *et al.*, 2003). Um exemplo de emprego de técnicas agrícolas associadas a vantagens comparativas que integram o homem ao meio ambiente em que vive, resultando em aperfeiçoamento, geração de renda, e especialmente em produtos de qualidade, tanto ao produtor quanto ao consumidor final, está sendo vivenciado no Estado da Paraíba. O Projeto Erva-Doce criado através do Apoio à Produção Sustentada e à Pesquisa com Erva-doce Orgânica e Mel em Propriedades Familiares do Brejo, Agreste e Curimataú Paraibanos - CCHSA/UFPB, em parceria com outras instituições, tem como principal objetivo a disseminação de técnicas agroecológicas de cultivo desta especiaria - a erva-doce (*F. vulgare*) - em paralelo com a apicultura, aos pequenos agricultores rurais. Além disso, o Projeto Erva-Doce tem como ênfase proporcionar não só melhores condições de trabalho ao agricultor e sua família, no que tange a exclusão de agrotóxicos nos cultivos, mas também gerar inclusão social e aumento de renda, agregando qualidade aos produtos oferecidos à sociedade. Por ser uma cultura que não precisa de grandes somas de investimento em capital e tecnologia, e ter um baixo custo de produção, a erva-doce é viável à pequena produção rural, pois outras culturas são bem mais exigentes e dispendiosas. Além do mais, nas regiões pertencentes aos municípios anteriormente citados, a umidade elevada do ar, a temperatura amena (entre 23 e 30 °C), e o solo com fertilidade média e alta favorecem ao desenvolvimento da atual cultura (BRASIL, 1972).

Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho foi descrever a implantação da cultura da erva-doce (*Foeniculum vulgare*), através do Projeto Erva-Doce, nos municípios paraibanos de Bananeiras, Dona Inês, Solânea e Arara, e enfatizar a importância da aplicação de técnicas agroecológicas de cultivo em pequenas propriedades rurais.

Metodologia

Utilizou-se para este trabalho o método dedutivo-descritivo. As pesquisas de campo foram realizadas em propriedades rurais nos municípios de Bananeiras, Dona Inês, Solânea e Arara, situados respectivamente nas Microrregiões do Brejo, Curimataú Oriental e Curimataú Ocidental do Estado da Paraíba. As entrevistas efetuadas foram em onze propriedades do total de trinta e cinco implantadas, realizando-se as visitas entre os meses de fevereiro e abril do ano de 2005 para a aplicação dos questionários (Quadro I). As propriedades contempladas foram: Sítio Baixa do Mel, e no Distrito de Tabuleiro, no município de Bananeiras (Microrregião do Brejo); na localidade de Brejinho, no município de Dona Inês (Microrregião do Curimataú Oriental); no Sítio Lagoa de Pedra, em Solânea (Curimataú Oriental); e nos Sítios Areial e Uruçú, localizados no município de Arara (Microrregião do Curimataú Ocidental). Foram plantadas de 300 a 800 mudas de erva-doce - empacotadas em sacos de polietileno e preenchidas com adubo orgânico (esterco bovino e terra de formigueiro) - em cada propriedade participante, todas elas fornecidas pelo Projeto Erva-Doce e confeccionadas pelos técnicos agrícolas bolsistas, que compunham a base operatória do projeto (CCHSA/UFPB). Para este trabalho foram feitas pesquisas em sites da internet, principalmente no levantamento das primeiras informações a respeito das especificidades da erva-doce, por ser uma planta que ainda não dispõe de bibliografia muito extensa. Foram consultados também livros, artigos, anais e revistas.

Resultados e Discussão

Com o início do Projeto Erva-Doce 35 propriedades rurais estabelecidas nos municípios de Bananeiras, Dona Inês, Solânea e Arara deram início ao cultivo da erva-doce em seus domínios. Observa-se através dos resultados apresentados no Gráfico I que há diferentes estratos de área entre as propriedades: 9% delas tem abaixo de 1 ha, 73% entre 1 e 17 ha, e 18% acima de 30 ha. Todos os estratos enquadram-se como minifúndios, constatando-se uma característica peculiar nos municípios envolvidos no Projeto Erva-Doce. As propriedades visitadas e pesquisadas ainda não detinham em seus plantios a cultura da erva-doce. Os agricultores iniciaram o plantio durante o mês de abril de 2004, por meio do Projeto Erva-Doce, sendo que em 72% das propriedades foi utilizado apenas adubo orgânico (esterco bovino), e em 28% das propriedades não foi empregado nenhum tipo de adubação. Em 63% das propriedades observadas praticavam alguma forma de consorciação da erva-doce com outras culturas, como feijão, milho e mandioca. Em todas as propriedades analisadas verificou-se a criação de abelhas. Constatou-se que a cultura de erva doce é uma experiência pioneira para a maioria dos produtores, pois apenas 18% afirmaram que seus pais já a haviam plantado anteriormente, mas haviam abandonado o cultivo no decorrer dos anos. A base organizacional do trabalho é familiar, sendo o chefe da família quem organiza e supervisiona o trabalho ao mesmo tempo em que o executa. Constatou-se que em apenas 10% das unidades produtoras mais de cinco pessoas ajudam diretamente no cultivo e em 90% delas entre quatro e cinco pessoas auxiliam diretamente (Gráfico II). Referendando o exposto anteriormente, tem-se que 64% das propriedades analisadas possuem entre três e quatro integrantes por família (Gráfico III); essa condição implica em disponibilidade de mão de obra para a empreitada da nova cultura. A renda entre os agricultores não se mostrou homogênea, com 46% das famílias apresentando receitas mensais de até um salário mínimo (trezentos e cinquenta reais), e o restante das famílias obtendo rendimentos variando entre trezentos e cinquenta reais e acima de um mil reais (Gráfico IV). Durante todo o ano de 2004, e parte do ano de 2005, na totalidade das propriedades pesquisadas, a cultura da erva-doce foi absolutamente estruturada sem o auxílio de adubos ou defensivos químicos. O pulgão *Hyadaphis foeniculi*, uma das principais pragas que afligem o cultivo, foi observado em todas as propriedades. A assistência técnica aos agricultores ficou a cargo dos componentes do Projeto – técnicos agrícolas bolsistas e professores do CCHSA-UFPB, e da Associação de Promoção do Desenvolvimento

Sustentável (APRODES). Além disso, os bolsistas auxiliaram no replantio das mudas que não vingaram. A praga foi combatida exclusivamente com defensivos naturais extraídos da citronela (*Cymbopogon winterianus*), que teve como principal ação causar repelência ou mortandade – dependendo do grau de concentração – ao pulgão, evitando assim intoxicações aos agricultores, e envenenamento aos animais das propriedades.

Considerações Finais

A implantação do Projeto Erva-Doce alcançou a prioridade estabelecida: a implantação e sustentabilidade da cultura da erva-doce simultaneamente a culturas intercaladas, com vistas a um desenvolvimento coerente, em que a base familiar rural fosse mantida. O Projeto Erva-Doce se mostra de grande valia na interiorização das famílias dos agricultores, que estão à margem de políticas públicas frente à economia mercantil. Aspectos como melhoria de renda e inclusão social – inclusão não só de forma econômica, mas, principalmente, fazendo com que os agricultores se tornem sujeitos de um novo conhecimento técnico e científico, e permitindo a permutação dessas informações entre os agricultores participantes do projeto. A cultura da erva-doce deve ser retirada do sistema tradicional, e ser repassada ao sistema agroecológico de produção. Com este procedimento determinaríamos uma organização produtiva, com técnicas de manejo, vindo a aprimorar a cultura e levando-a a qualificação. A comercialização dos grãos não deve ser apenas em estado bruto (*in-natura*), desconsiderando-se a qualidade e a padronização. A erva-doce deve estar configurada desde a sua concepção (calcada em modelos agroecológicos) até chegar ao consumidor final, este tendo a plena certeza de que está realmente adquirindo um novo tipo de produto. No âmbito da geração de renda, a erva-doce deixará de ser vendida a esmo, e sua venda que antes se configurava apenas em feiras livres e na própria propriedade, se estabelecerá em agroindústrias e/ou cooperativas, fazendo movimentar o mercado formal de alimentos produzindo, desta forma, uma proporção maior de tributos ao estado da Paraíba e aos municípios que a cultivem e/ou a comercializem. Os produtores que produziam a erva-doce de forma tradicional passam através do projeto e do emprego das técnicas agroecológicas de cultivo, a agregar valor ao produto. Este valor será reconhecido, pois os consumidores de alimentos agroecológicos esperam um produto que cause menos danos à natureza, e que seja ecologicamente saudável e correto. A erva-doce paraibana ainda necessita do fortalecimento de um ponto óbvio, mas que é esquecido pelos pequenos produtores no que concerne a sua venda: a valorização do produto. Esta é conseguida a partir da conscientização dos agricultores dos benefícios ocasionados por aderirem a um modo de agricultura natural, pois tal modo vislumbra resultados positivos em longo prazo, e menospreza técnicas que somente enxergam efeitos em curto prazo de tempo e logram por um imediatismo quase que absoluto. Múltiplos problemas referentes à cultura da erva-doce na Paraíba ainda podem ser enumerados, pois decorrem não somente da falta de informação e conhecimento eficiente por parte dos agricultores analisados, mas também, pela escassez de técnicos extensionistas e especialistas, que por ventura satisfaçam e levem novos conhecimentos e habilidades aos agricultores, que carecem de técnicas de cultivo que por vezes são antigas e conhecidas, mas se perdem com o passar dos anos.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Agricultura. Levantamento Exploratório e de Reconhecimento dos Solos do Estado da Paraíba. Rio de Janeiro. Convênio MA/CONTA/USAID/BRASIL, (Boletins DPFS-EPE-MA, 15-Pedologia, 8), 1972.
- MEDEIROS, M. B. de. FILHO J. R de M.; WANDERLEY P. A. Agrotóxicos no Meio Rural: Uma Constante Ameaça aos Ambientes Agrícolas. In: II Encontro Temático Meio Ambiente e Educação Ambiental na UFPB. Resumos. João Pessoa: PRAC/COPREX, 2003. v. 1. p. 78-79.
- RAMOS, A. G. Análise da cadeia produtiva da erva-doce (*Foeniculum vulgare* Mill) nas microrregiões do brejo, curimataú e agreste paraibanos. UFPB – CFT, 2004.
- WANDERLEY, P. A.; WANDERLEY JR., J. S. A.; MORAES FILHO, J. R.; SILVEIRA, L. M. Eficiência em campo do extrato alcoólico de Melão-de-São-Caetano (*Momordica charantia*) sobre o pulgão da erva-doce (*Hyadaphis foeniculi*) e curuquerê do algodão

(*Alabama argillacea*). In: SILVEIRA, L.; PETERSEN, P.; SABOURIN, E. Agricultura familiar e agroecologia no semi-árido: avanços a partir do Agreste da Paraíba. Rio de Janeiro, AS-PTA, 2002, 308 p.

WANDERLEY, P. A.; WANDERLEY, M. J. A.; RAMOS, A. G. A cadeia produtiva da erva-doce nas microrregiões de brejo, curimataú e agreste paraibanos. In: Otimização da cadeia produtiva da erva-doce (*Foeniculum vulgare*) visando a agregação de valor aos produtos da Agricultura Familiar. Sal da Terra. João Pessoa, 2008.

Quadro 1: Questionário aplicado aos produtores rurais assistidos nos municípios paraibanos de Bananeiras, Dona Inês, Solânea e Arara.

QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO	Local e data
1. Nome do proprietário e da propriedade: 2. Há quanto tempo planta erva-doce? 3. Seus pais plantavam erva-doce? 4. Quantas pessoas há na família? 5. Quantas trabalham/ajudam diretamente na cultura? 6. Qual a área total da propriedade? 7. Faz adubação? Que tipo?	8. Usa produto químico? Qual? 9. Usa produto orgânico? Qual? 10. Quais os consórcios? 11. Há criação de abelhas? 12. Recebe ou Recebeu assistência técnica de algum órgão? 13. Qual a renda mensal da família?

Gráfico I: Área das propriedades

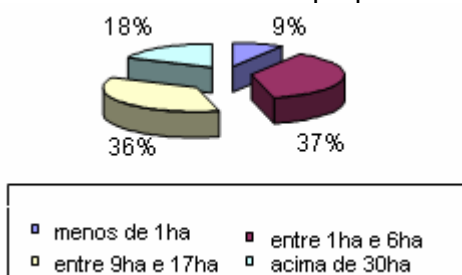


Gráfico II: Pessoas que ajudam diretamente na cultura da erva-doce

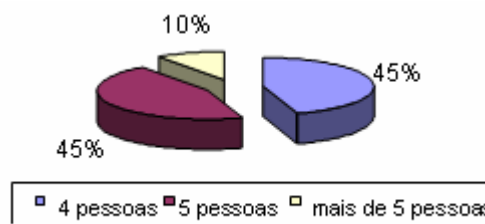


Gráfico III: Pessoas por família

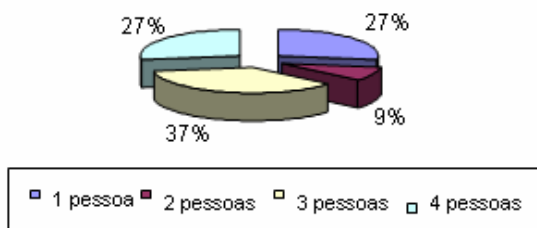


Gráfico IV: Renda mensal das famílias

